

Fechos das coleiras do gado na Beira-Baixa e no Alentejo

POR

D. Sebastião Pessanha

*Ao ilustre etnógrafo espanhol,
R. VIOLANT I SIMORRA,
e ao seu amor pelas coisas pastoris.*

Em Etnografia, é vulgar suceder que um estudo de certa vastidão, quando devidamente orientado e profundado, realizado em pleno contacto com a região, as coisas e as gentes em que se enquadra, disposto ou, pelo menos, projectado de forma a satisfazer as actuais exigências desta novel ciência, traga à superfície, destaque de um plano que se nos afigurava secundário, determinados elementos súbitamente avolumados de interesse e só por si merecedores de especial atenção.

Longe vai o tempo em que os trabalhos etnográficos podiam abranger largos aspectos da vida popular, limitados à simples enumeração de factos, sem conclusões, deixando passar por larga malha, por falta de observação directa e experiente, pequenos factores, de grande valia por vezes.

Felizmente que, por toda a parte, se advoga a necessidade de especialização e profundeza, de estudos parcelares e detalhados, pois só assim, de facto, se poderão carrear os materiais indispensáveis à obra grandiosa que é o conhecimento da vida do povo.

Partidário convicto deste princípio, não compreendo, nem aceito, por grandes que sejam os valores, a universalidade dos

conhecimentos etnográficos, a não ser quando se pretenda somente traçar directrizes, estabelecer normas de estudo, limitar a actividade à divulgação e ao ensino teórico da matéria.

Só trabalhos profundos, esgotantes, limitados a um determinado assunto illusòriamente insignificante, circunscritos a zonas geográficas perfeitamente definidas, largamente documentados, podem satisfazer os bons e justos desejos dos que, entre nós e lá fora, anseiam pela elevação da Etnografia a um mais alto nível científico.

Foi pensando assim que, no decorrer de uma colheita de elementos para um trabalho que, provavelmente, não chegarei a publicar, sobre a vida pastoril na Beira-Baixa, resolvi destacar dele alguns aspectos que se me afiguraram dignos de especial projecção — uns, pelo interesse que podem despertar, mesmo além-fronteiras; outros, pela urgência de arquivar velhos usos em via de acelerada extinção; todos, pelo ineditismo de que se revestem.

Daqui nasceu este estudo, não recomendável, decerto, pelos conceitos e conclusões nele contidos, mas, sem sombra de dúvida, pelo volume e qualidade da documentação palpável que consegui reunir para o realizar, Deus sabe com que canseiras para mim e com que incómodos para os meus Amigos.

*

* *

Noutros tempos, quando um pastor pretendia enchocalhar o gado que apascentava, só comprava os chocalhos, quase sempre provenientes das afamadas oficinas das Alcáçovas, no Alentejo, escolhidos os tamanhos mais acomodados a cada rês e experimentado, cuidadosamente, o som de cada um.

As coleiras talhava-as ele próprio, da pele de animal abatido para consumo, ou vitimado por moléstia, ou mesmo dos canos de

calçado velho; as travincas para as fechar e os badalos para os chocalhos, ele mesmo, também, os fazia de qualquer pedaço de madeira mais à mão, nas longas horas em que o isolamento e a monotonia do seu viver exigiam distracção para o espírito e ocupação para as mãos, mantidos ainda antigos costumes que tornavam bem penosa a sua profissão.

Hoje em dia, e de um modo geral, as coleiras compram-se já feitas, nas feiras, ou encomendam-se ao correeiro; os chocalhos adquirem-se com os badalos, assim desprovidos de uma infinita e bizarra variedade de formas; as travincas de madeira, e também de chifre, são substituídas pelas modernas fivelas de metal fundido, agora de uso corrente em todo o lado, ou mesmo por uns simples pontos com atilhos de sola.

Mas não se extinguiu de todo, entre nós, aquele modo primitivo de fechar as coleiras do gado, cujo estudo se me afigurou digno de interesse, pois se encontra ainda, embora difundido com manifesta irregularidade, numa extensa zona do nosso país, por mero acaso quase rigorosamente correspondente aos distritos de Castelo Branco, Portalegre e Évora.

À designação beiroa, mais generalizada, de «chavelha», corresponde, no Alentejo, e de «cágueda», mas aquela prevalece na orla sul do Tejo e é notável, por vezes, a analogia de certos nomes locais, nas duas províncias.

Assim, «trasga» na Póvoa de Rio de Mainhos, ao penetrar na característica *Charneca*, e em Monforte da Beira, «tasma» no Rodão, «tasga» em Montalvão, tudo é o mesmo e só está correcto, segundo creio, na primeira forma, pois também designa, no norte, uma argola pendente do jugo e que serve para segurar o temão, por meio de uma cavilha, sendo igualmente de assinalar o facto de se lhe chamar «cravelha», tanto em Videmonte, em plena Serra da Estrela, como em St.^a Eulália, a poucos quilómetros de Elvas.

Pensei ainda que «chavelha», talvez por analogia de funções, poderia ter origem na «chavelha» nortenha, por vezes de ferro, mas geralmente de madeira e caprichosamente trabalhada, «que se crava perpendicularmente no cabeçalho, logo atrás do jugo, a fim de o travar» (1), mas breve me convenci, por várias razões, que assim não sucede, provindo simplesmente de chave, não só porque serve, de facto, para fechar e abrir a coleira, mas ainda porque a sua forma mais corrente, em toda a Beira-Baixa, é a deste utensílio, motivo porque também lhe dão o nome, já citado, de «cravelha», visto que é flagrante, em grande número de exemplares, a semelhança com aquela pequena peça que serve para retesar as cordas de vários instrumentos musicais.

Mais estranha é a designação de «cágueda», usada no Alentejo, que não é citada por Capela e Silva, no seu magnífico volume sobre os termos rústicos da sua região (2), não obstante havê-la citado anteriormente, no vocabulário de «Ganharias» (3), e até no texto de um dos seus capítulos — todos eles recheados de pura Etnografia.

É um assunto que devo deixar ao cuidado dos filólogos, por falta de competência para o tratar, mas que me agradaria ver esclarecido, pois o autor destes trabalhos se limita, neste último, ao traçar, com perfeita verdade, o quadro regional que intitulou «Ganadeiros», a escrever que «é raro encontrá-los sem que tragam enfiada no braço esquerdo, uma coleira enchocalhada, ou a fazer *cáguedas*, ou um badalo de *pau-ferro*, ou de cepa de

(1) Armando de Matos — *A Arte dos Jugos e Cangas do Douro-Litoral*, Porto, 1942.

(2) J. A. Capela e Silva — *A Linguagem Rústica no Concelho de Elvas*, Lisboa, 1947.

(3) Lisboa, 1939.

piorno» (4), esclarecendo, no vocabulário, que se trata de um «travessão de madeira, geralmente em forma de Y grego muito alongado, que substitui a fivela das coleiras do gado miúdo».

Se bem que muito vagas, estas são as únicas citações, até agora do meu conhecimento, ao pequeno utensílio pastoril objecto deste estudo, pois o seu interesse etnográfico, e até mesmo a beleza artística que muitas vezes apresenta, haviam escapado, quase inexplicavelmente, à intuição e à sagacidade dos poucos que, entre nós, se ocupam das coisas populares.

Devo mesmo confessar, em abono da verdade, que só há cerca de um ano, em plena Beira-Baixa, quando os restolhos do centeio, ressequidos do sol e da estiagem, recebiam, sôfregos, as primeiras chuvas do outono, e uma cabrada, de poucas cabeças, se cruzou comigo, à saída de Acha, reparei que um dos animais ostentava, em larga e velha coleira de cabedal, um precioso fecho de madeira, lavrado e aberto a canivete, e com a forma nítida de uma chave moderna, circular, que o pastor me disse ter o nome de «chavelha» e que, instado, acabou por me vender, ali mesmo, com aquela e o respectivo chocalho, longe de compreender o interesse que me movia e a emoção de que estava possuído.

É que um novo estímulo vinha animar-me a prosseguir nos trabalhos anteriormente iniciados, desde logo encarados como penosos e talvez despidos de utilidade científica; é que, naquele instante, se me reuniram no cérebro ideias incertas, que agora se fixavam, imagens imprecisas, que agora tomavam forma, leituras dispersas e distantes, que agora se avivavam na memória.

(4) *Ob. cit.*, pág. 98.

*

* *

Como já afirmei, a extensão geográfica destes fechos das coleiras do gado corresponde quase precisamente à área de três distritos administrativos — um na Beira-Baixa (Castelo Branco) e dois no Alentejo (Portalegre e Évora).

Desta forma, e tratando-se de distritos particularmente vastos, pode dizer-se que se encontram «chavelhas» e «cáguedas» numa grande zona central do nosso país, formada, para cima do Tejo, por todas as terras baixas que se estendem entre a fronteira e as duas serras — Estrela e Guardunha —, mal atingindo, pelo norte, o distrito da Guarda, no concelho do Sabugal, e, por oeste, a característica *Charneca da Beira*, ali delimitada, como é sabido, pelo Ocreza, ou, mais rigorosamente, pelo aparecimento do xisto.

Ao sul do Tejo, vai essa zona desde o Sado à fronteira, espraiando-se até ao planalto de Beja, mas não passa além do Guadiana, do mesmo modo que, no seu limite norte, não vai além do vale do Mondego, embora englobando as áreas altas dos concelhos da Covilhã e de Manteigas.

Pròpriamente na Serra da Estrela, as «chavelhas» que se encontram foram *levadas* pelos rebanhos transumantes, que ali ocorrem periódicamente, idos da *Campina*, como estudou, em trabalho magistral, o Prof. Orlando Ribeiro (5).

Ora estes dados, paciente e escrupulosamente fixados, são de molde a sugerir várias considerações.

(5) Prof. Orlando Ribeiro — *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*, «Revista da Faculdade de Letras», tomo VII, Lisboa, 1940-1941.

Em primeiro lugar, resulta deles a convicção de que estes fechos são privativos de uma zona caracterizada pela grande lavoura e pela criação, em larga escala, de gado de todas as espécies, e assim fui obrigado a pensar ao verificar, por exemplo, que o seu uso se esbatia gradualmente, na Beira-Baixa, ao passar do concelho de Penamacor para o do Sabugal, em perfeita concordância com uma maior divisão da propriedade rústica, admitindo, portanto, a existência de um fenómeno de ordem social, mas é difícil explicar, então, o facto de se encontrarem lindas «chavelhas» nos pequenos rebanhos de caprinos que tanto abundam nas aldeias da falda da Estrela, onde o pastoreio se reveste de aspectos bem diferentes.

Por outro lado, não me parece lógico que esta forma arcaica de cerrar as coleiras se verifique, de preferência, onde existem as maiores e mais progressivas explorações agrícolas do país, quando em todo o lado se nota, como já disse, a sua rápida substituição pelas modernas fivelas de metal.

Não me julgo, porém, na presença de um caso em que a distribuição geográfica de uma manifestação etnográfica se deve basear exclusivamente em factores de ordem natural, como tantas vezes sucede, porque, como também é frequente, os seus limites se resumem, nalguns casos, a linhas tenuíssimas, praticamente impossível de fixar com rigor.

Perfilho, antes, a opinião de que, tanto as «chavelhas» da Beira-Baixa, como as «cáguedas» do Alentejo, se devem filiar na arte popular dos pastores destas duas províncias, cujas afinidades agro-pecuárias são bem conhecidas, sendo a sua expansão detida pelos habituais obstáculos geográficos e sociais: os rios, as montanhas, a constituição do solo, o clima, o ambiente diverso em que se enquadra a existência de outras populações rurais, embora confinantes.

E se é para assinalar, por inesperada, a escalada da Estrela, pois recolhi belos exemplares em Videmonte, em Manteigas, e até em Folgosinho, já no concelho de Gouveia, não pode restar dúvida que devemos atribuí-la, como já afirmei, às passagens periódicas dos grandes rebanhos da planura beiroa.

Até que ponto a transumância pode contribuir para a difusão e a deslocação de usos e costumes peculiares à vida pastoril, ver-se-á mais adiante.

Limito-me, por agora, a transcrever, de um erudito estudo de Francisca Vela Espilla, esta frase curta, mas inteiramente certa:

«Estas vías pastoriles fueran una de las causas verdaderamente unificadoras de la indumentaria y otros elementos etnográficos y artisticos populares, como la cerámica especialmente, habiendo difundido algunos tipos talaveranos y andaluces por toda Castilla la Vieja y el reino de León.» (6).

*

* *

À sumptuosidade dos jugos do Minho e do Douro Litoral, que podemos e devemos considerar como os mais sugestivos padrões da nossa arte popular, não corresponde qualquer preocupação de arte, de luxo, ou de atavio, nas coleiras do gado usadas nas várias regiões do país, se exceptuarmos as que, no Norte, costumam adornar os bois, por ocasião de feiras e de romarias, carregadas de campainhas e fivelas de metal, com várias ordens de correias, largas e pesadas, que Alfredo Guimarães evocou num dos seus magníficos artigos da «Terra Portu-

(6) Francisca Vela Espilla — *El traje de pastor en España*, «Anales del Museo del Pueblo Español», tomo 1, pág. 171, Madrid, 1935.

guesa» (7), com a graça e a ternura com que sempre fala das coisas da sua linda e histórica terra natal.

Efectivamente, não se usam em Portugal coleiras de madeira, que bem poderiam ter origem nos *arcos* que os jugueiros nortenhos recamam de finos *bordados*, ou simplesmente enfeitam a fogo, com motivos de uma singeleza primitiva, e são essas as que, em Espanha, em França, na Itália, na Suíça, constituem justificado orgulho da arte pastoril destas nações; infelizmente, não possuímos, no nosso património etnográfico, nem aqueles *colars de moltó* que Violant i Simorra descreve pormenorizadamente em um dos seus eruditos estudos (8) e são quase sempre revestidos de curiosos lavrados, incisos e pinturas, nem aqueles lindos *colliers de sonnailles*, com a forma de ferradura, que Fernand Benoit fez reproduzir na sua mais recente obra sobre a velha Provença (9), nem aqueles mais modestos *collari da capre* que o saudoso e querido Virgílio Correia adquiriu a um cabreiro de Pozzuoli e deu à estampa na «Etnografia Artística» (10), nem, ainda, nada de semelhante àquele lindo *collier de chèvre*, procedente de Engadine, que ilustra uma das páginas do magnífico volume «Schweizer Volkskunts» (11) e nos recorda, no seu alto espaldar rendilhado a coroar a coleira circular, um precioso anel medieval.

Invariavelmente de couro, em geral inteiramente liso, têm como única utilidade a suspensão do chocalho, e o seu interesse

(7) Alfredo Guimarães — *A Feira da Rosa*, «Terra Portuguesa», 3.º vol., pág. 209, Lisboa, 1917.

(8) R. Violant i Simorra — *D'Art Popular Pallarès*, pág. 19, Barcelona, 1938.

(9) Fernand Benoit — *La Provence et le Comtat Venaissin*, Paris, 1949.

(10) Porto, 1916.

(11) Bâle, 1941.

residirá apenas nas «chavelhas», ou «cáguedas», que as possam adornar, se as não substituírem as vulgares fivelas metálicas, ou mesmo outros processos mais rudimentares de as apertar.

Feitos dois cortes longitudinais, em um dos extremos da coleira, e outros dois no outro, no ponto exacto em que ambos devem sobrepor-se, o fecho é colocado horizontalmente, entrando por um dos lados dos cortes e saindo pelo oposto, de modo a uni-los no rebaixo que tem por função impedir a sua queda, ou deslocação.

A fotografia I dispensa mais completa descrição da maneira como se colocam e funcionam estes fechos, reproduzindo, à esquerda, a coleira que adquiri em Acha, no concelho de Idanha-a-Nova, com a linda «chavelha» que me revelou o interesse etnográfico e artístico destas peças e me sugeriu o desejo de lhes dedicar este desprezioso trabalho.

*

* *

Primitivamente, estes fechos devem ter sido apenas curtos pedaços de madeira, adrede cortados de ponta de árvore, ou de arbusto, mais à mão, toscamente afeiçoados e cuja única função consistia em não permitir a accidental abertura da coleira, quer pelo ajustamento aos cortes nela efectuados, quer ainda pela pressão exercida pelo peso do chocalho.

Depois, o engenho do homem foi, pouco a pouco, aperfeiçoando-os; reconheceu a conveniência do rebaixo que impede a sua deslocação sem voltar para cima a parte posterior, inteiramente lisa; acrescentou-lhes, em uma das extremidades, uma pega mais larga, enquanto a outra se torna pontiaguda, para mais facilmente se colocarem e retirarem; adaptou os seus tamanhos e as suas formas à mais racional largura das coleiras, à sua espes-

sura sobrepostas as duas pontas, e ao vulto dos animais a que se destinavam.

E se é certo que alguns exemplares, principalmente alentejanos, nos lembram ainda, por sua rudeza, o tipo primitivo, e nos permitem ajuizar da sua natural evolução, outros maravilham-nos pelas suas correctas proporções e perfeito acabamento, ainda mesmo quando desprovidos de qualquer valor artístico.

Se collocarmos ao alto um destes fechos, isto é, na posição em que os fiz fotografar para este estudo, temos, na parte superior, a *cabeça* e, na inferior, a *patilha*, tomando por boas estas designações, ambas recolhidas no Alentejo, e delas nos vamos servir para descrever, devidamente agrupadas e seleccionadas, cerca de duzentas peças que consegui reunir e constituem uma colecção preciosa e decerto única.

Duas grandes divisões se impõem, antes de tudo, tanto mais que assim nos aconselham razões de ordem geográfica: fechos com a forma de Y, que só se usam no Alentejo, e fechos com a forma de chave, que se usam tanto no Alentejo como na Beira-Baixa.

Nos primeiros, agrupo os exemplares reproduzidos na fot.^a IV, e ainda todos aqueles em que a *cabeça* é constituída apenas por duas hastes bifurcadas, a maior parte das vezes de disposição natural; nos segundos, englobo os restantes, ou sejam aqueles em que a *cabeça* se apresenta circular, ovalada, quadrada, ou losangular, formando, com a *patilha*, um conjunto que bastante se assemelha a uma vulgar chave de fechadura.

No volumoso núcleo que recolhi em mais de vinte locais diversos, das duas províncias, o número daqueles não vai além de dez por cento da totalidade.

Por outro lado, é interessante notar que este tipo de fecho, bem expressivamente representado, na sua forma mais rudimentar, nos espécimes com os n.^{os} 5, 7 e 9, da citada fotografia, se foi modi-

ficando o aperfeiçoamento, até alcançar a elegância e a rigorosa simetria dos que têm os n.ºs 1 e 10, ambos trabalhados e, este último com iniciais e cercaduras pintadas de verde.

E não é ousado admitir como representando tipos intermédios os exemplares com os n.ºs 7, da fot.ª VII, e 2, da fot.ª X, o primeiro da região de Estremoz, e o segundo da aldeia de Peso, na faldá da Estrela, junto ao Zézere.

Alargada a *cabeça*, reconhecida a conveniência do seu maior volume, para mais fácil manejo da peça, quase sempre difícil de colocar e retirar da coleira, sem certa prática, ela chega a atingir grandes proporções, como, por exemplo, no espécime n.º 1 da fot.ª XIII, pois o seu diâmetro é precisamente igual a metade da altura total do fecho.

Mas se nesta preciosa «chavelha» do Rosmanihal, na Beira-Baixa, tais dimensões se poderiam explicar como campo de caprichosa ornamentação, outro tanto se não dá em várias outras, inteiramente lisas, de diversas procedências, nas quais é flagrante a desproporção existente entre grandes *cabeças* circulares, ou ovaladas, e *patilhas* extremamente curtas.

Também é de assinalar o facto do tamanho de muitos destes fechos não estar em relação com a largura das coleiras, que é excedida, com frequência, pelo comprimento deles.

Mesmo onde abunda o gado caprino, sempre portador de coleiras mais largas, é frequente verificar que as *cabeças* das «chavelhas», ou das «cáguedas», estão, em parte, em contacto directo com o corpo do animal, o mesmo sucedendo, por vezes, com a ponta da *patilha*.

É lícito supor que se não trate de uma preocupação de adorno, mas simplesmente de uma disposição que muito facilita o seu manejo.

Como já disse, é na *patilha* que se abre o rebaixo onde entram, sobrepostas, as duas tiras formadas pelos cortes nas duas

pontas da coleira, que nele têm de se ajustar perfeitamente, de forma a evitar a deslocação e a queda do fecho, ou mesmo — percalço de maior prejuízo — a perda da coleira e do respectivo chocalho.

Mas sendo assim, é igualmente curioso notar que a largura desse rebaixo, ao contrário do que seria lógico, nem sempre está em relação com o tamanho da peça.

Assim, ao passo que numa «trasga» de Monforte da Beira, com o comprimento total de 11 cm., esse rebaixo tem só 1,5 cm., esta mesma dimensão se verifica numa «cravelha» de Videmonte que mede pouco mais de metade.

Rebaixos superiores a 3 cm., só se observam nos grandes fechos usados nas coleiras dos bovinos alentejanos, quase sempre belamente trabalhados, como veremos.

Devo ainda explicar que a localização do rebaixo, em relação ao todo, é absolutamente arbitrária, como pode ver-se nas fotografias e desenhos que ilustram este estudo, pois há fechos em que se lhes segue uma comprida ponta da *patilha*, e outros que, de tão salientes do lado da *cabeça*, nos dão a impressão de se soltarem da coleira.

Em relação à espessura da *patilha*, o rebaixo não vai além de dois terços, e é de crer que a sua profundidade se regule pelo volume de cabedal que nele tem de embeber-se, não obstante a ponta superior da coleira ficar sempre um pouco ressaltada.

Na grande maioria dos exemplares, o seu reverso é absolutamente plano; nalguns, porém, a *cabeça* apresenta-se, nessa face, ligeiramente convexa; noutros, ainda, a ponta da *patilha* eleva-se um pouco.

Estas últimas formas, sem dúvida racionais, têm, quanto a mim, duas razões de ser: ajustarem-se mais perfeitamente ao natural arqueamento da coleira, exposta às intempéries, e evita-

rem que os extremos do fecho, ultrapassando a largura da mesma, molestem, ou firam, o seu portador.

O maior fecho da minha colecção tem, de comprimento, 15 cm., foi por mim adquirido em Estremoz, e vem reproduzido, com o n.º 1, na fot.^a IX; o mais pequeno mede somente 5,5 cm., e foi-me amavelmente enviado pela professora de Videmonte, na Serra da Estrela.

Ambos são ornamentados.

A feição artística que, no decorrer do tempo, estes fechos das coleiras do gado vieram a tomar, tão rica, tão variada, tão curiosa, que dificilmente posso compreender como escapou, até agora, à argúcia dos estudiosos da nossa arte popular, não se manifesta simplesmente nos lavrados e incisos que os ornamentam, mas também nas proporções, na elegância, no perfeito acabamento de alguns deles.

Em muitos exemplares, não houve o propósito de os enriquecer com os motivos tradicionais que recamam, em geral, os objectos de uso pastoril nas nossas províncias, mas sim o de lhes dar as formas mais racionais, as dimensões mais adequadas, os detalhes mais convenientes.

Possuo fechos que são, sob este aspecto, tão preciosos como os-revestidos de abundante e inspirada decoração.

Por outro lado, as formas primitivas foram substituídas, aqui e ali, ao sabor da fantasia do artista popular, como se pode observar nas peças com os n.ºs 1, 3 e 5, do des.º V, e 2, 4 e 6 da fot.^a X.

A primeira, de Monforte da Beira, pertence a um grupo, pouco numeroso, no qual devo incluir as que têm os n.ºs 7 e 8, na fot.^a III, também da Beira-Baixa; as duas últimas, igualmente beiroas e mais nitidamente ainda com a forma de mitra, podem reunir-se a mais dois ou três exemplares da colecção, e constituem um tipo que só encontrei na aba sul da Estrela.

Mais vulgares são os fechos com *cabeças* losangulares, todos de origem alentejana, e mais ainda aqueles em que esta se alonga e adelgaça, pouco excedendo a largura da *patilha* (n.ºs 4 e 6 da fot.^a III e n.º 7 da fot.^a VI).

Esta forma alongada e delgada, é a mais corrente nos fechos de chifre, mas nestes concorrem duas razões de assim ser: a dureza do material empregado e a impossibilidade de lhes tallarem largas *cabeças*, pois são feitos, quase invariavelmente, de chavelhos de cabra.

É curioso notar que também se encontram, no Alentejo, «cáguedas» córneas com a forma de Y, o que bem demonstra a força da tradição, a persistência, mesmo não justificada, do tipo provávelmente primitivo.

Um pequeno núcleo, proveniente de Estremoz, apresenta as *cabeças* com a forma rectangular, e num outro, mais reduzido ainda, de Monforte da Beira, estas lembram também, embora mais vagamente, mitras altas e não pontiagudas (n.ºs 6, 7 e 8 da fot.^a IX), confirmando um tipo privativo desta província.

Dois exemplares, um alentejano e outro beirão, têm nitidamente o formato de um leque, mas é certo que, em mais de sessenta por cento da colecção, a *cabeça* é mais ou menos circular, incluindo neste número as grandes «cáguedas» usadas, no Alentejo, nas coleiras dos bois.

São elas as que mais se prestam a ser recamadas de lavrados e de incisos, as que mais largo campo oferecem à fantasia e à inspiração do artista popular, aquelas onde podemos topiar e estudar os motivos comuns a toda a nossa arte pastoril e ainda os que se me apresentam como privativos destes fechos, ou como relacionados com os de peças congéneres, de outros países.

Nos exemplares alongados, a decoração limita-se, quase sempre, a simples incisos geométricos, como pode observar-se nos n.ºs 4 e 6 da fot.^a III, e só naqueles em que a *cabeça* se alarga

um pouco, tomando a forma de mitra, encontramos um primeiro motivo digno de interesse: bandas serrilhadas em contorno, duplas; emoldurando outra, central, como numa elegantíssima «chavelha» proveniente de Manteigas (n.º 6 da fot.ª X); recamando todo o fundo, em círculos concêntricos, como numa outra, não menos bela, adquirida no Peso, concelho da Covilhã (n.º 1 da mesma fot.ª); ou ainda estranhamente colocadas em sentido horizontal, triplas e paralelas.

Pertencem também a este tipo mais dois fechos: o que adquiri a um pastor, perto de Caria, por ele próprio trabalhado (n.º 5 da fot.ª X), e o que tem o n.º 2 no des.º 5, vindo de Montalvão, já na margem Sul do Tejo mas a dois passos da Beira.

E é curioso notar que, a uma forma peculiar à Beira-Baixa, se alia uma ornamentação sem réplica nas «cáguedas» alentejanas.

Nestas, as composições geométricas aperfeiçoam-se, tomam, por vezes, uma feição nitidamente *mudejar*, como nas duas curiosas peças de Reguengos, com os fundos pintados de vermelho, que mestre Alberto Sousa fixou no des.º n.º 2, ladeando uma outra, da mesma origem, decorada com uma ingénua albarrada florida, ou apresentam espaços lisos onde se inscreveram iniciais e datas.

Dois motivos tradicionais da nossa arte popular, daqueles motivos que Virgílio Correia eruditamente demonstrou coexistirem na arte popular de toda a Europa ⁽¹²⁾, os mais vulgares são as rosetas de quatro, cinco e seis folhas.

O coração, só aparece em três exemplares, decerto sem significado simbólico nestes fechos destinados ao gado; a cruz de Cristo em outros três, dois de Pavia e um da Póvoa de Rio de

(12) Dr. Virgílio Correia — *Arte popular portuguesa—Suas relações com a arte popular de toda a Europa*, «Terra Portuguesa», vol. I, pág. 81. Lisboa, 1916.

Moinhos; são também de Pavia duas «cágedas» com motivos um tanto desconcertantes: a âncora e uma cabeça de cavalo — aquela, talvez, porque o seu autor tenha sido marinheiro; esta, mais provavelmente ainda, por se destinar a coleira de qualquer equídeo.

Um lindo fecho, bastante usado e antigo, adquirido em Estremoz, em cuja *cabeça* circular ocupa o centro a roseta sexifólia, é quase cópia fiel de um dos motivos que revestem um precioso e arcaico *coffre à blé* suíço (13), e uma outra, maior, de coleira de bovinos, datada de 1942 e comprada na feira de Assumar, pertence ainda a esse mesmo tipo clássico.

Quanto aos motivos florais, tão abundantes sempre na nossa arte do povo, é particularmente interessante admirar os que decoram algumas peças do curiosíssimo grupo que mão amiga me enviou do Rosmaninhal (fot.^a VIII), a contrastar com as que apresentam os mais estranhos lavrados de toda a colecção.

Um facto merece ainda referência especial: a falta, em tão variada decoração, de motivos simbólicos protectores do gado, que nestas peças teriam lógico cabimento, como, por exemplo, o *saimão*, como tal usado correntemente em todo o país e tão frequente nos jugos do Minho e do Douro Litoral.

Por último, noto também a ausência, quase absoluta, de siglas.

Só uma grande e bela «chavelha» do Rosmaninhal, datada de 1944, tem inciso, no reverso da *cabeça*, um círculo cortado por dois diâmetros perpendiculares, pois um V e um S, gravados em duas «cágedas» alentejanas, são, muito provavelmente, simples iniciais do artista popular, ou do proprietário dos animais, à

(13) Michael Wolgensinger — *Terra Ladina*. Zurich, 1939.

semelhança do que se observa, sem qualquer motivo de dúvida, em vários exemplares.

*

* *

Precisamente na altura em que, jornadeando pela Beira-Baixa, notei o valor etnográfico destes fechos das coleiras do gado, a minha atenção fixou-se num artigo do sábio etnógrafo francês, Arnold van Gennep, inserto num dos volumes da magnífica obra *Artisans et Paysans de France* (14), que se está publicando sob a direcção autorizada de Adolph Riff, o ilustre conservador dos Museus de Strasbourg.

Dele destaco, por merecer especial interesse para este meu estudo, o seguinte trecho:

« Je laisse à d'autres le soin de les étudier et me contente d'indiquer ici l'intérêt d'une petite série d'objets en buis découpé, parfois, mais pas toujours, décorés de motifs incisés.

Celle du Musée Dauphinois avait déjà attiré l'attention de Philippe de las Cases; grâce à Georges-Henri Rivière j'ai pu obtenir des indications relativement précieuses sur leur provenance. Il s'agit de *clavettes*, servant à fermer la lanière qui supporte la clochette des moutons et des chèvres. Des 29 clavettes reproduites para Las Cases et décrites dans le relevé dressé d'après l'inventaire de H. Muller, il y en a 6 provenant d'Orpierre, 7 de Villebois (Drôme), à 7 kms. d'Orpierre par la route, et 14 de Laragne, soi-disant du « col de Lus », que je n'ai pu trouver sur aucune carte. Il s'agit visiblement d'un art pastoral. Mais ces objets en buis ont-ils été taillés dans le pays ou on les a obte-

(14) *Observations Critiques sur les Arts Populaires dans les Hautes-Alpes*, « Artisans et Paysans de France », II, 1947.

nus; ou ont-ils été importés par les bergers transhumants, et de quel pays? Les trois lieux de récolte sont peu éloignés l'un de l'autre et situés, pour ainsi dire, sur une même ligne horizontale entre la montagne de Chabre au Sud et la petite chaîne qui comprend les sommets de Suillet, de Charouille et de la Peyte au Nord. Il vaudrait la peine de faire une enquête dans cette région pour discernir si c'est sur place que s'est formé cette « école » décorative.»

Obtida do « Musée Dauphinois », de Grenoble, uma fotografia dessas 29 *clavettes de collier*, não só verifiquei que se tratava, de facto, de um valioso núcleo de peças de arte pastoril do antigo Delfinado, mas ainda que ele me permitia tirar conclusões não descabidas neste trabalho.

Em primeiro lugar, não é ousado notar a analogia do termo *clavette*, diminutivo de *clef*, com o português *chavelha*, derivado de *chave*; em segundo lugar, é bem curioso verificar que todas estas peças, tanto as *clavettes* francesas, como as *chavelhas* portuguesas, têm uma mesma função: cerrar, agindo como travincas, as coleiras de certos animais.

E se não estamos ainda em presença de fechos absolutamente semelhantes aos nossos, é porque eles se adaptam, em França, às preciosas coleiras de madeira, com a forma de ferradura, que constituem, muito justamente, um dos orgulhos da arte popular daquele país.

De facto, as *clavettes* servem para fechar a correia donde pende o chocalho — aquele chocalho, curto e bojudo, bem diferente do nosso — e é essa mesma correia que, retesada, mantém o arqueamento da coleira, que só pode abrir-se, ou retirar-se do pescoço do animal, após a remoção daquelas.

Não obstante, uma dessas 29 peças, rigorosamente reproduzida no des.º n.º 1, tem uma flagrante semelhança com os fechos que vimos estudando, não só na forma como na decora-

ção, pois a mesma roseta de quatro pétalas encontro, por exemplo, em uma «cágueda» de chifre, de Pavia, no Alentejo, e, mais igual ainda, numa «trasga» de Monforte da Beira.

Como escreve van Gennep, bem mereciam um estudo especial essas graciosíssimas *clavettes*, cujas formas e cuja decoração surpreendem pela delicadeza e pela diversidade, e bem valeria a pena, sem dúvida, averiguar até que ponto a transumância pode ter contribuído para a sua difusão em determinadas regiões dos Alpes.

Mais significativo é, porém, o que se passa na vizinha Espanha, pois além das admiráveis coleiras de madeira, a que já me referi, verdadeiras obras-primas de arte popular, que se fecham por meio de uma ou duas travincas — *el torroll* — sempre lisas, segundo suponho, também ali se usam, pelo menos nalgumas províncias levantinas, as singelas coleiras de couro, por vezes, como em Portugal, com artísticos fechos de madeira, trabalhados pelos pastores, absolutamente semelhantes, na forma e na aplicação, às nossas «cáguedas» e «chavelhas», como veremos.

Embrenhado já na colheita de elementos para este estudo, não deixei passar em claro uma leve citação do distinto etnógrafo espanhol, R. Violante i Simorra, que, no seu trabalho «La Casa Pallaresa y la Vida Pastoril» ⁽¹⁵⁾ — admirável e erudito catálogo, ou guia, de uma secção do «Museo de Industrias y Artes Populares de Barcelona» (Pueblo Español) — ao enumerar os objectos expostos em uma das salas, e referindo-se a um grupo de *collars de moltó*, escreve: «El de cuero cerrado con la artistica llave de boj es tipico del Alto Aragón y procede de Baraguás (Huesca)».

Solicitados deste meu ilustre Amigo mais largos esclarecimentos, obtive não somente os belos desenhos que reproduz a fot.^a XII, mas também informações precisas e seguras sobre o uso,

(15) Barcelona, 1944.

naquele país, dessas *llaves* das coleiras dos ovinos e caprinos, que tanto interessava confrontar com as usadas nas nossas duas grandes províncias de leste.

A mais franca compreensão de uma camaradagem que muito me honra e que muito prezo, foi precioso auxiliar que me apraz encarecer e registar, e são de cartas suas estes dados bem elucidativos: «Las dos llaves en cuestion estan reproducidas a tamaño natural. Pero de la collección que poseo de Campredó y de Alfara, ambos pueblos vecinos de Tortosa en la Ribera del Ebro, ésta es la más pequeña, pues oscilan entre los 8 o 9 centímetros, hasta los 15 aproximadamente, y siempre se presentan decoradas de los dos lados. Y allí les llaman *toroles*, y han entrado al país por influencia de los pastores aragoneses de la Prov. de Teruel, su vecina. En cambio la mayor, de Baraguás (Alto Aragón) solamente está decorada de una cara y le llaman *llave*, para collar de cuero de *choto* (macho cabrio infecundo) para llevar una esquila casi cuadrada de mucho abolengo en el país, para ir de *cabañera*; o sea durante los viajes trashumantes. hacia la tierra llana, en invierno, o Ribera del Ebro, y en verano hacia los puertos.

Por ahora solo conosco su uso en el Bajo Aragón terulense, y en la provincia occidental de Tarragona, por influencia, como lo he dicho, aragonesa. Pues en las comarcas orientales de Aragón, vecinas a la Prov. de Lérida (La Litera, Ribagorza y Sobrarbe) usan collares ricamente labrados, de madera, como en el resto de Cataluña, excepto el Bajo Ebro, y otros pueblos de la costa no muy alejados de Tortosa.»

.....

«Debo informar-le que he ensanchado el área del uso de las «llaves» de collar. Pues en una reciente excursión más allá de la Ribera del Ebro, he hallado también en uso estas artísticas llaves con el nombre de *tarrolla* (singular) en los pueblos del O. del Montsià (La Galera, Mas de Barberans, Santa Barbara, Go-

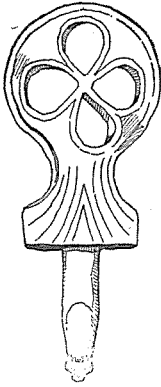
dall, etc.), hoy cambiadas, casi del todo, por una hevilla metálica. Pueblos del ángulo Sur occidental de Cataluña, vecinas de las provincias de Castellón de la Plana y Teruel.»

Bem se patenteiam, nestas informações, os profundos e vastos conhecimentos de Violant i Simorra sobre a vida pastoril do oeste espanhol, da qual se tem ocupado em diversas obras de grande valor, com notável competência e com transparente paixão — aquela paixão de todo o etnógrafo por uma faceta mais querida da vida popular.

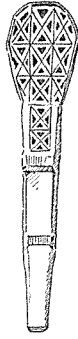
Se compararmos o desenho da lindíssima «torrolla» de Alfara, reproduzida na fot.^a XII, com a «cágueda» de Assumar (Alentejo), que ocupa o centro do des. N.º 4, compreender-se-á o interesse com que me proponho estudar, na primeira oportunidade, a colecção reunida no Museu de Barcelona, pois só então poderei verificar até que ponto a larga banda horizontal, também artisticamente trabalhada, que se alonga entre a *cabeça* e a *patilha*, se filia na forma clássica da *clavette* destacada do núcleo de Grenoble (des. N.º 1), que lembra uma estela medieval, e, muito principalmente, as indiscutíveis afinidades etnográficas e artísticas dos primitivos fechos das coleiras do gado dos dois países peninsulares e a explicação mais racional de tão flagrante paralelismo.

Conto, para tanto, com a indispensável colaboração do bondoso Amigo a quem dedico, com inteira justiça, este trabalho, modesta achega para o conhecimento da vida e da arte dos pastores portugueses.

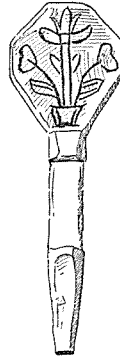
Sintra, Setembro de 1950.



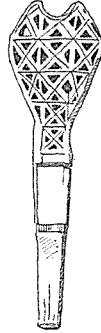
N.º 1 — Clavette de collier. Musée Dauphinois — Grenoble.



1



2

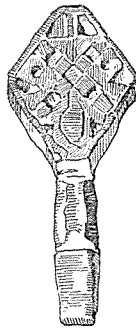


3

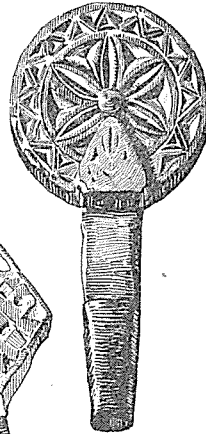
N.º 2 — « Cáguedas » pintadas — Reguengos de Monsaraz.



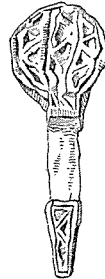
N.º 3 — Veiros — Alentejo.



1



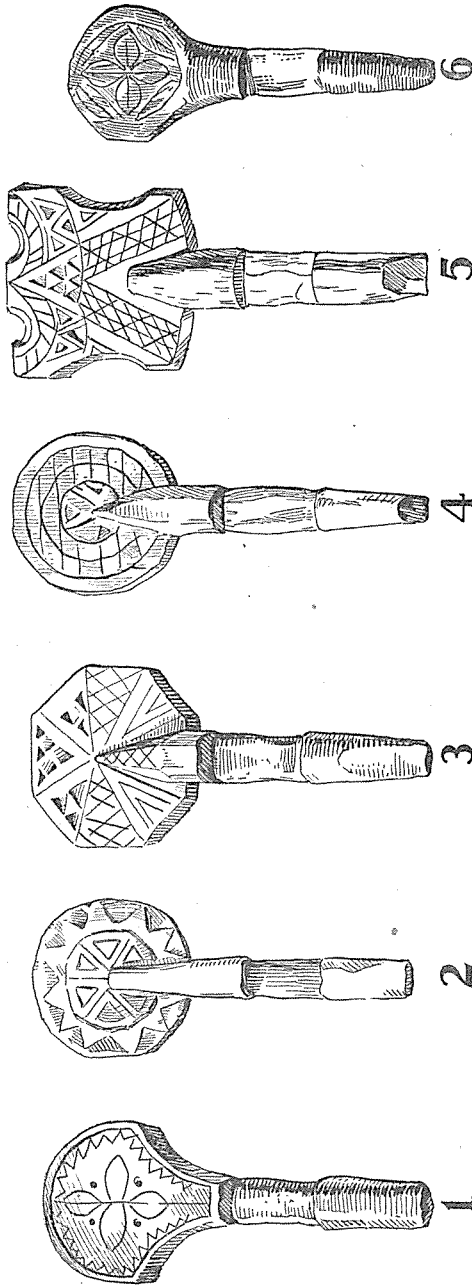
2



3

N.º 4

- 1 — Monforte do Alentejo
- 2 — Assumar (Alentejo)
- 3 — Santa Eulália (Alentejo)

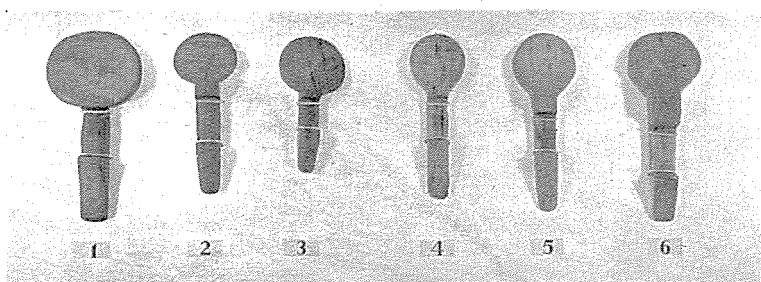


N.º 5

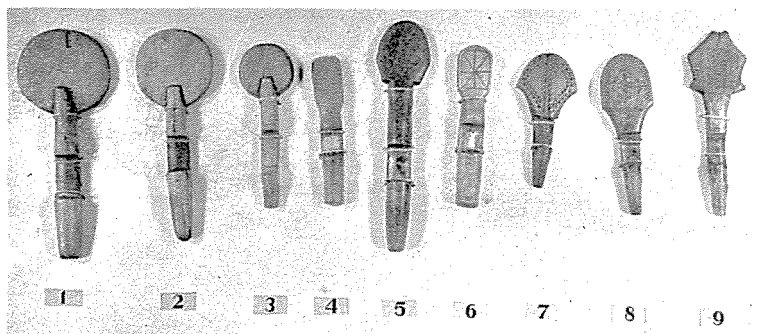
- 1 — Monforte da Beira
- 2/5 — Montalvão (Alentejo)
- 6 — Pavia (Alentejo)



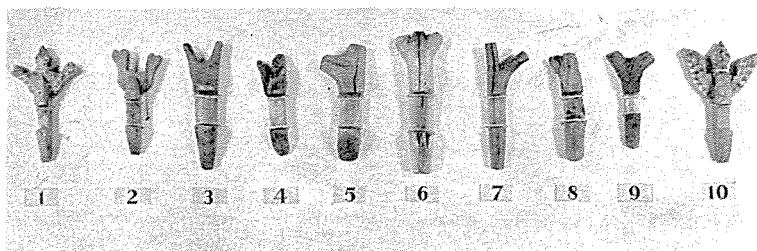
Fot. 1 — Coleiras de ca-
bra com «chavelhas».
À esquerda: Acha
(Idanha); à direita:
Peso (Covilhã).



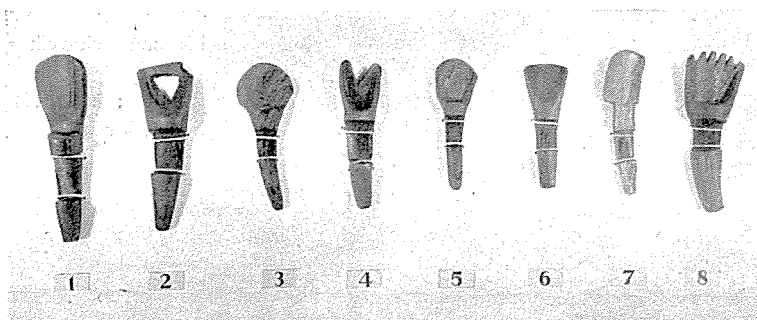
Fot. 2 — 1/6 — Estremoz



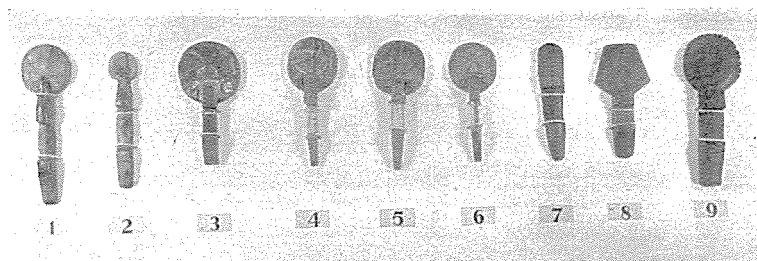
Fot. 3 — 1/3 — Monsanto (Idanha); 4/6 — Donas (Fundão); 7/8 — Póvoa
de Rio de Moinhos (Castelo Branco); 9 — Oledo (Idanha)



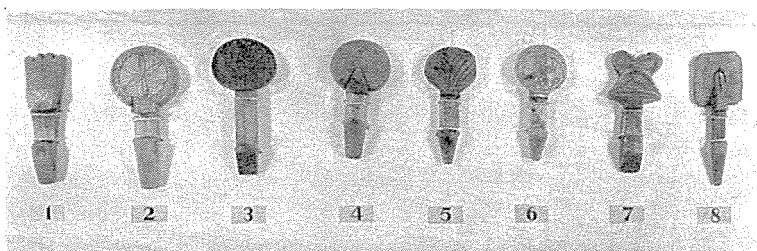
Fot. 4 — 1/2 e 10 — Pavia (Móra); 3/9 — Estremoz



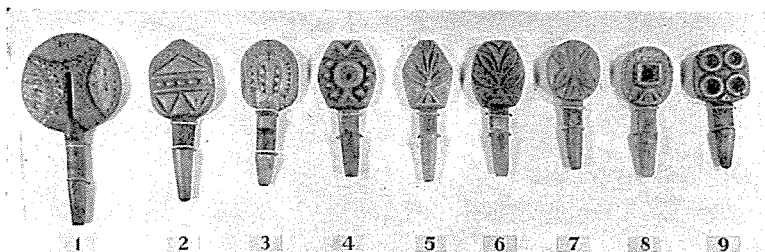
Fot. 5 — 1/6 — Cabeço de Vide (Fronteira); 7 — Monforte da Beira (Castelo Branco); 8 — Cabeço de Vide (Fronteira)



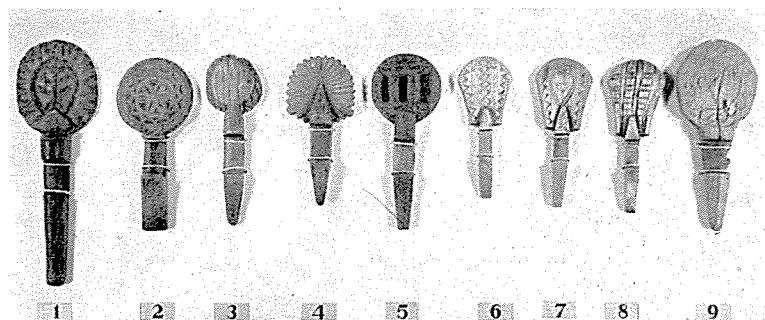
Fot. 6 — 1/6 — Pavia (Móra); 7/9 — Estremoz



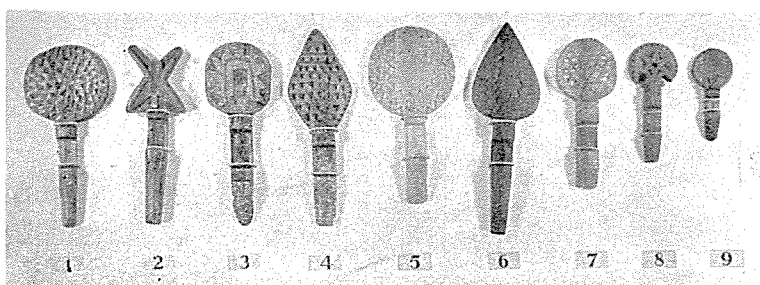
Fot. 7 — 1/8 — Estremoz



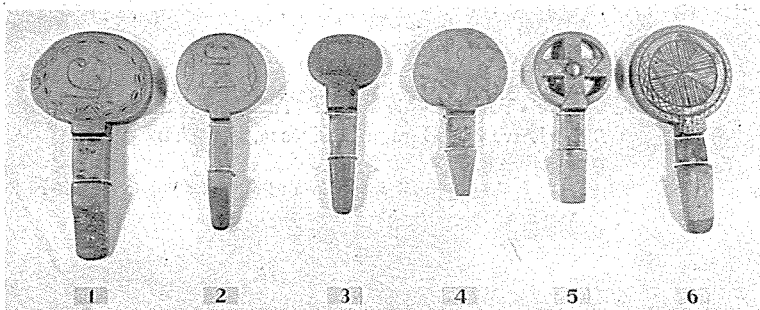
Fot. 8 — 1/8 — Rosmaninhal (Idanha)



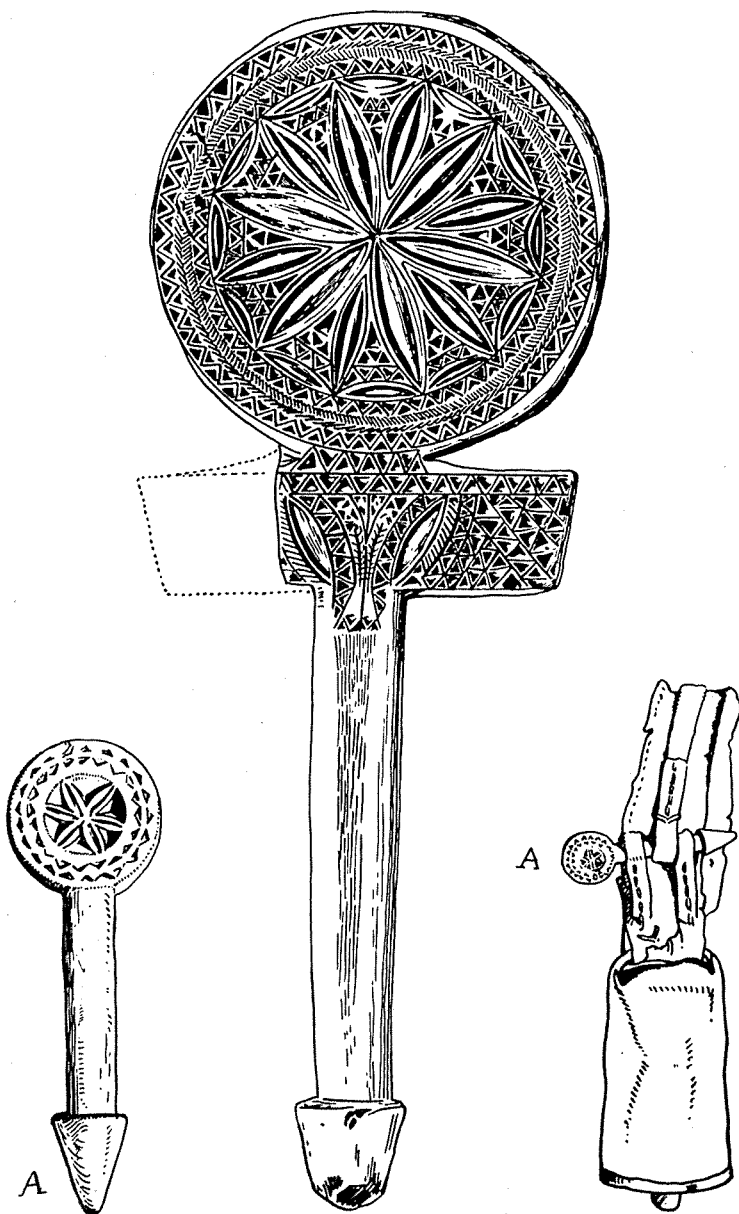
Fot. 9 — 1/2 — Estremoz; 3 — Niza; 4 — Alter do Chão; 5 — Acha (Idanha);
6/8 — Monforte da Beira (Castelo Branco)



Fot. 10 — 1/4 — Peso (Covilhã); 5 — Caria (Belmonte); 6/7 — Manteigas;
8 — Folgozinho (Gouveia); 9 — Manteigas



Fot. 11 — 1/3 e 5/6 — Cabeço de Vide (Fronteira); 4 — Estremoz



Fot. 12 — A — «Torrolla» de Alfara (Tarragona, Espanha).
B — «Llave» de Baraguás (Huesca, Espanha)

(Museo de Industrias y Artes Populares de Barcelona).